

## POLÍTICA

NEO  
GERA TECNOLOGIA PA

# Sarney ataca FHC, Serra e Aloysio Nunes

Ex-presidente faz discurso no Senado e ameaça pedir presença da ONU para verificar lisura das eleições

Sérgio Prado e Katia Guimarães  
de Brasília

O senador José Sarney (PMDB-AM) usou a tribuna do Senado ontem para um forte discurso em defesa de sua filha Roseana Sarney (PFL). Como ex-presidente, ele responsabilizou Fernando Henrique Cardoso e o ex-ministro da Saúde, José Serra, pelo que chama de "ridícula montagem" para atingir a candidatura à Presidência da República da governadora do Maranhão. "Há um fato cuja recorrência impressiona e intriga. É que toda referência a esse estilo característico de espionagem e dossiês nasce no Ministério da Saúde e envolve o ex-ministro José Serra", alfinetou. Mas amparado por dossiês, publicados pela imprensa, ela argumentou que "são tantas as conexões, tantas as evidências que não há como esconder a ligação do atos contra a governadora do Maranhão à sucessão brasileira".

Com plenário lotado e ausência significativa de Serra, Sarney disse que a operação da Polícia Federal foi ilegal e arbitrária. E lembrou que avisara o presidente Fernando Henrique sobre possível devassa da inteligência do governo na vida da família Sarney. "Esses métodos não fazem bem ao País e ao presidente Fernando Henri-



José Sarney

que Cardoso". O pai de Roseana comparou o estilo tucano à ofensiva do presidente Roberto Mugabe, do Zimbawe, para derrotar seu adversário. "Nós devemos ficar alertados para esses fatos". E continuou batendo duro. "O aparato do Estado espalha versões, documentos e calúnia.

É assim que funcionava o Dops e a Gestapo. O clima no Brasil mudou muito. Está muito parecido com o Peru do tempo de Fujimori". E ameaçou ainda a possibilidade de pedir a presença de observadores internacionais da ONU, OEA e Interaction Council "e onde for necessário" para acompa-

nhar o pleito de outubro no Brasil. Foi interrompido por ruidosos aplausos.

Sarney ironizou ao citar diversas vezes a frase do presidente de que a reação do PFL era "uma tempestade em um copo d'água". Insinuou que a verticalização das coligações impostas pelo TSE também tem o dedo do Planalto. "Uma eleição não é fraudada somente nas urnas, o processo pode começar fraudado".

Ele fez questão de afirmar que seus adversários enfrentam problemas judiciais. Relembrou que Fernando Henrique sofre um processo de impeachment, na Câmara dos Deputados, por suposta compra de votos para a emenda da reeleição. "A Justiça do Distrito Federal mandou, no dia 6 de março, deste ano, que o presidente da Câmara (o tucano Aécio Neves) lhe desse andamento", afirmou. "Acusam a governadora (...) e esquecem o ex-ministro José Serra, que responde a um processo por improbidade administrativa, outra ação por reparação de danos ao erário, entre outras".

Sobraram farpas também para o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira. Sarney disse que o ministro é violento e já participou de operações bem mais complexas do que a invasão de um escritório, como as

supostas ameaças de espancamento ao então jornalista Paulo Francis e de morte ao governador do Ceará, Tasso Jereissati. "Não dá tranquilidade a ninguém que um homem assim seja o guardião das liberdades públicas das leis e da Constituição".

Apesar de repetir inúmeras vezes que a "invasão" da Lunus foi uma "ridícula montagem", ele não explicou a origem da soma de R\$ 1,34 milhão, encontrada pela Polícia Federal, na sede da empresa de sua filha. Limi-

tou-se a dizer que seu genro, Jorge Murad, havia assumido toda a responsabilidade pelo dinheiro, o qual seria usado na campanha. "Que a Justiça apure sua legalidade e tome suas decisões". A seguir, aproveitou para insinuar que Fernando Henrique também teve seu "caixa dois" de campanha. Relatou o episódio de que o falecido deputado Luís Eduardo Magalhães teria presenciado a entrega de R\$ 10 milhões (em valores de hoje) para a pré-campanha de 1994.

## "Nem eu sabia", diz Agílio

O diretor-geral da Polícia Federal, Agílio Monteiro Filho, negou ontem no Senado que autoridades do governo federal tenham tido conhecimento antecipado da ação da PF na empresa Lunus Serviços e Participações, da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, e do marido dela, Jorge Murad. Agílio disse que nem ele sabia que a operação seria feita na empresa de Roseana e que apenas tinha conhecimento de que seriam feitas buscas e apreensões em empresas da-

quele estado em uma ação relacionada com inquérito sobre desvios na extinta Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Ele disse que ficou sabendo da ação policial na Lunus por volta das 17h do dia 1º, por um telefonema do próprio presidente da República. Este, acrescentou Agílio, questionava a legalidade da operação em função de outra ligação telefônica que ele (o presidente) havia recebido de alguém do PFL indagando sobre o fato.

## É a "agonia de uma oligarquia", rebate Távola

Tucanos contra-atacam: para José Serra, as insinuações de Sarney foram inconsistentes e "até mesmo alopradas"

Sérgio Prado, Katia Guimarães  
e Franci Monteles  
de Brasília e São Luís

O presidente Fernando Henrique considerou descabida a presença da ONU para verificar a lisura das eleições. FHC disse que quem fiscaliza a eleição brasileira "é a mídia".

O presidenciável José Serra respondeu ao discurso dizendo que as insinuações feitas a seu respeito "foram todas, sem exceção, inconsistentes, irrelevantes e até mesmo alopradas.

Basearam-se em fantasias e mexericos". O tucano afirmou também que Sarney falara como pai e, por isso, a sua atitude era compreensível. "O mais importante é que a campanha siga o seu curso buscando, pelo debate, pelo confronto de idéias e propostas, o progresso do Brasil", diz uma nota divulgada pelo candidato.

A articulação política do Planalto também trabalhou no sentido de esvaziar o discurso de Sarney. O líder do governo no Senado, Artur da Távola

(PSDB-RJ), chegou preparado para responder. "O Brasil está contaminado pelo ocaso das oligarquias estaduais. O que se viu hoje foi a agonia de uma oligarquia", disse, referindo-se a influência política e o domínio econômico dos Sarney no Maranhão. Ele referiu-se ao pronunciamento como uma reação da "velha política de jogar a culpa no outro". Lembrando inclusive a convivência do ex-presidente com a ditadura militar. "Esse discurso teria mais cabimento nos

anos da ditadura", afirmou. E lembrou que até agora o R\$ 1,34 milhão encontrado na Lunus tem ainda uma origem incerta. "A contra informação é a crítica a governo solerte".

Na avaliação do senador tucano a vítima deste episódio é o PFL que por lealdade se viu obrigado a deixar o governo e está diante da possibilidade de ficar isolado nas eleições depois que o PSDB e PMDB fecharam o acordo para a coligação. Em defesa do presidente, Artur da Távola garantiu a honra de Fernando Henrique. "Diga o que quiser do presidente, menos que ele maquina por trás", afirmou.

Nos corredores do Congresso, as opiniões se dividiam sobre o evento que dominou a tarde. A oposição fez elogios ao tom político de Sarney mas advertiu que nada foi esclarecido quanto as denúncias de corrupção envolvendo a sua filha. "Ficou evidenciado que houve uma ação política coordenada com a finalidade de destruir a candidatura. Mas faltou es-

clarecer o caso Sudam", disse o líder do Bloco de Oposição no Senado Eduardo Suplicy (PT-SP). A presença de Serra foi cobrada pelo senador Roberto Freire (PPS-PE). "Ele deveria subir à tribuna para se defender das acusações", afirmou. Já os governistas justificaram a ausência. Segundo o vice-líder do governo, Romero Jucá (PSDB-RR), o candidato tucano não irá entrar em bate-boca de campanha eleitoral.

**Roseana** - Em São Luís, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), assistiu ao discurso do pai no Palácio dos Leões. A governadora não quis comentar nada, mas sua assessora informou que ela ficou bastante emocionada.

Para o vice-governador José Reinaldo Tavares, que assistiu ao discurso em sua casa, as denúncias feitas pelo senador Sarney, conforme afirmou, mostradas em documento, tornam a candidatura do tucano José Serra sem sustentáculo.

**Participe do congresso que  
vai elaborar o Plano Diretor  
do Mercado de Capitais.**